

# Professor da USP diz que liberação do eucalipto transgênico é um erro

Paulo Kageyama, da Universidade de São Paulo (USP), destaca que ainda existem muitas dúvidas científicas sobre os impactos do plantio e do prejuízo, principalmente aos pequenos produtores rurais

Mariana Tokarnia  
Da Agência Brasil

O professor Paulo Kageyama, da Universidade de São Paulo (USP), considerou um erro a liberação comercial do eucalipto transgênico no Brasil, decidida nesta semana pela Comissão Técnica Nacional de Biossegurança, por 18 votos a 3. Um dos integrantes da CTNBio, Kageyama foi um dos votos vencidos.

Segundo o professor, ainda existem muitas dúvidas científicas sobre os impactos do plantio do eucalipto transgênico e do prejuízo, principalmente para os pequenos produtores rurais. Além disso, os produtos obtidos a partir dessa planta poderão sofrer sanções no comércio nacional e internacional, acrescentou Kageyama.

De acordo com a FuturaGene Brasil Tecnologia Ltda, empresa de biotecnologia da Suzano Papel e

Celulose, com a decisão, o Brasil torna-se o primeiro país a liberar a comercialização do eucalipto transgênico. Segundo a FuturaGene, o eucalipto modificado tem 20% mais produtividade e poderá ser usado para produção de madeira e papel, entre outros itens.

Kageyama explicou que o aumento da produtividade ocorre às custas da aceleração do processo de crescimento e amadurecimento de uma árvore de sete anos para cinco anos. Nesse período é que a planta absorve mais água, disse ele. Estima-se que o consumo seja ainda maior com o eucalipto transgênico, o que pode causar danos ao meio ambiente.

Além disso, o pólen dos eucaliptos geneticamente modificados pode ser transportado por quilômetros por insetos e contaminar o mel orgânico de cerca de 500 mil pequenos produtores, que serão prejudica-

dos na hora da certificação de seus produtos.

De acordo com dados divulgados pelo Movimento dos Trabalhadores sem Terra (MST), o Brasil é o maior produtor de mel orgânico - só no ano passado, foram 16 mil toneladas de mel de eucalipto.

O problema da certificação poderá chegar também ao mercado externo. "É um tiro no pé plantar transgênicos quando as principais certificadoras internacionais são contra a certificação de florestas transgênicas", disse Kageyama.

De acordo com dados da Associação Brasileira de Celulose e Papel (Bracelpa), o Brasil, em 2010, posicionou-se como o décimo produtor mundial de papel e, em 2012, produziu 10,33 milhões de toneladas. Nos últimos dez anos, o país aumentou a produção em 27%, com crescimento médio de 2,7% ao ano.

Kageyama manifestou

preocupação também com o precedente aberto com a decisão da CNTBio. De acordo com o professor, mais dois processos pedindo autorização para comercializar o eucalipto transgênico tramitam no CNTBio. A liberação para a FuturaGene pode criar precedentes, o que ele considera preocupante.

A coordenação-geral da CTNBio informou, no entanto, que até o momento somente foi peticionada, na comissão, a solicitação da FuturaGene.

Para a FuturaGene, a liberação é um dos marcos mais significativos para a indústria florestal. "A aprovação marca também o início de uma nova fase para o manejo florestal sustentável, com o Brasil ocupando a posição de primeiro país a completar o ciclo de desenvolvimento dessa tecnologia, que possibilitará produzir mais com menos recursos", afirmou a empresa, por meio de nota.

**Do Leitor** Olhe, fotografe, revele  
Envie sua foto: [tribuna@tribunatp.com.br](mailto:tribuna@tribunatp.com.br)

**O PODER QUE DESTROI** - Quantas bandagens viraram 'leis'? Sim, em geral, são leis institucionalizadas e fecundas em núcleos neoliberais. Episódio recente acalorou o tema das plantações de eucaliptos transgênicos. O eucalipto original suga a água subterrânea ininterruptamente por cinco anos e nos dois anos seguintes ele para de sugar sendo colhido aos sete anos de idade. O transgênico dura somente cinco anos, no período de sugação da água do solo e já pode ser colhido, sem a pausa necessária de dois anos para a colheita. Conclusão: o eucalipto transgênico é colhido de cinco em cinco anos com absorção ininterrupta de água do solo cujo tipo de

plantação provoca a desertificação da região, agravando os ciclos hídricos e causando danos ao meio ambiente tendo sua biodiversidade abatida. O Movimento dos Sem-Terra (MST) invadiu os laboratórios da corporação Suzano para destruir esse experimento danoso e chamar a atenção da sociedade e dos governos. Embora desqualificado pela mídia, na verdade, tratou-se de ato heróico. Não é por ser um experimento científico que merece respeito, pois muitos 'cientistas' são vilões para a vida humana, trabalhando em defesa do poder que destrói. Vale lembrar que em lugar algum do mundo este tipo de planta é permitido. (Daisy Ferraz é bancária aposentada)